

GAZETA D'ANGEJA

(SEMANÁRIO)

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA
Anno 1\$500, 8 mezes 1\$000, 4 mezes 500, Brazil 3\$000 reis. — Numero avulso no proprio dia 20 rs. Passado o dia 40 reis.

Redactores: — RICARDO M. NOGUEIRA SOUTO e A. LEÃO MARTINS

ADMINISTRADOR — SEBASTIÃO CORREIA DA COSTA

ANNUNCIOS E COMMUNICADOS
Por linha 40, Repetições 20 — Os snrs. assignantes tem 25 por cento de abatimento.
Redacção — Rua dos Caldeiros n.º 250.

SUMMARIO:

Festa da Senhora das Neves em Angeja.
Palestra humoristico-moraes na Angeja — X.
Correspondencia do Pará — Alfredo A. Santos.
Noticiário.

SCIENCIAS & LETRAS

Amor de mãe — Alfredo A. Santos.
As minhas azas (poesia) — Almeida Garrett.
Recordação — A. Leão Martins.
A A. Leão Martins (poesia) — Alberto da Rocha.
Recordação da aldeia — Fernando Marão.
A M. E. S. S. (poesia) — Alfredo A. Santos.
Folhetim: Remember-me — A. C. de Boa-Esperança.

ANGEJA, 3 DE AGOSTO DE 1887

FESTA DA SENHORA DAS NEVES EM ANGEJA

ESTA festividade é certamente uma das mais antigas do nosso districto, pois existe ha mais de duzentos annos, e das mais concorridas, porque a ella affue gente em grande escala d'umas poucas de leguas em redor, isto é, de todas as povoações da beira mar e das do lado do nascente.

Além d'isso, antigamente vinha muita gente de Agueda e mesmo das vizinhanças da Serra de Estrella.

Esta affluencia apesar de ainda hoje ser extraordinaria, todavia resentiu-se um pouco com o facto d'esta festa ficar sempre transferida para o domingo seguinte ao dia 5 de agosto, que é o seu proprio. Esta festividade foi sempre considerada no districto a primeira n'este genero, em pompa, decencia, ordem e concurrencia como já dissemos. E parece que a belleza do sitio d'esta terra e a propria natureza se dis-

põem cada vez mais com todos os encantos e attrativos a favorecel-a e a dar-lhe realce.

Antigamente tornavam-se sobretudo verdadeiramente notaveis — as celebres cavalhadas, que, na vespera á noite antes do fogo, percorriam as ruas da terra e outros pontos.

N'estas cavalhadas distinguiam-se sempre 24 homens dos melhor apessoados d'aqui, com trajos e chapéus expressa e apropriadamente preparados, e montados em bizarros cavallos, imitavam graciosamente os 12 pares de França.

Principiavam estes 12 pares por ir ao Cabecinho, o sitio mais elevado do nosso campo de Tojo onde ha uma capella e onde se diz ter apparecido a Senhora das Neves pela primeira vez.

A chegada dos 12 pares alli era annunciada pelo incendio d'uma immensa meda de matto secco ahi existente cuja chama se disfructava distinctamente a umas poucas de leguas em volta. Este facto era correspondido do alto do Calvario, um dos pontos mais elevados da terra, por uma colossal descarga de morteiros, abalavam profundamente o solo e a athmosphera. Regressando d'esta digressão nocturna, verdadeiramente original no genero e unica, junctavam-se ao restante da cavalhada e percorriam as ruas da villa. Os 12 pares tinham por garantia de não se começar acender o fogo senão quando elles davam entrada no arraial depois de ter ultimado a sua tarefa. Era tal a imponencia com que tudo isto se fazia que gente da distancia de 10 ou 12 leguas vinha expressamente a esta festa, atraida pelo renome d'este facto.

Exponhamos agora o programma da festa, que ha-de ter lugar nos dias 6 e 7 do corrente:

No sabbado, dia 6, ha cavalhadas, fogo em grande quantidade, illuminação e duas ou tres musicas.

Nas cavalhadas apparecerá como

novidade 6 ou 8 individuos *à turca*, isto é, com trajos e chapéus, mandados vir expressamente, imitando os soldados turcos.

O fogo é fornecido por dois pyrotechnicos bem conhecidos. Cada um d'elles apresentará o seu castello entre outras peças.

Em Angeja está sendo construido um pequeno navio (*de terra*) que se apresentará, competentemente munido de fogo, no largo da Praça a combater os castellos.

A illuminação é tambem fornecida por dois individuos, cada um dos quaes apresentará um elevado farol e ambos illuminarão em arco a Rua Direita desde a Praça até ao predio do snr. Caetano Pereira de Sousa. Além d'isso, ha uns trezentos balões venezianos e cento e tantos francezes, que são destinados a ser pendurados nas arvores da Varsea, um findo bocado de estrada orlado por duas serradas alas de elevados e frondosos alamos, logo ao sair da villa.

Ha duas musicas, a do Pinheiro da Bemposta e a da Murtosa que se estão preparando convenientemente para se despigar ao fogo.

Os mordomos andam ainda empenhados em arranjar uma outra musica para tocar na Varsea.

No domingo, dia 7, ha missa de festa, em seguida procissão em que tocam as duas musicas, corridas e arraial.

Palestras humoristico-moraes na Angeja

(Entre Zé Gonsallo e Zé Tropas)

Olá meu caro amigo Zé Gonsallo, onde é a ida de machado ás costas, assim ao cahir da tarde.

—Que pergunta tão prolixa! Pois onde irei eu illustre Tropas! Vou-me d'aqui até ao Calvario.

—Ao Calvario!.. Pois os teus pec-

são angelica, vaporosa, diaphana, d'essas visões fugitivas que povdam os nossos sonhos.

Horas inteiras passava Thomaz conversando com a Julia, elendo-lhe algumas paginas de Byron, pequeno trabalho que não comportava a debil enfermidade e que tão grato se lhe tornava.

D'aquella especie de convivencia intima nasceu um affecto mais intenso e os dous amaram-se, inconscientemente, aos poucos, com todo o fogo da paixão, e com todo o enthusiasmo de dois corações que se entregam espontaneamente, confiadamente, um ao outro.

Para os dois amantes foi todo um poema d'amor o resto da viagem.

Elle contemplava-a com ternura, animava-a com suaves caricias, todos os seus pensamentos advinha, satisfazia-lhe todos os desejos. Ella pagava-lhe aquelles extremos, aquelles demonstrações de affecto com um sorriso apenas; e apenas com um

cados levam-te assim, e ainda tão novo ao sacrificio!..

—Que gracinha... Ora para que hasde ser assim! Não gosto d'isso. Ha cousas, com que se não brinca.

—Homem, eu não brinco. E' que disseste que ias ao Calvario. E de mais, este meu genio um pouco galhofeiro, leva-me ás vezes a dizer cousas que não agradam muito a ouvidos puros e innocentes.

—Ora adeus amigo... e tu a affinares, sempre para a mesma. Já te disse que não gosto d'isso, e para terminar com os teus chistes, vou reatar o fio á conversa, e dizer-te que o Calvario na Angeja é um monte não muito accidental a seis centos metros aproximadamente da villa (hoje extincta) onde, em tempos, que já lá vão, e em que a religião e a piedade tinham por throno o coração do povo d'esta terra; tempos... em que em religiosa procissão, se ia ahi fazer — via-sacra!..

Porém hoje — tempos do progresso — aquelle local, cercado de cruces, roubadas umas e quebradas outras.

—Vandalismo!! — O que, verdade, verdade, tudo se deve aos caprichos loucos, pertinazes e desmoralisadores das juntas de parochia d'aqui; deixou de ser um logar de veneração e respeito, para se tornar em mercado de gados. Todavia, ainda se alli chama o Calvario e talvez por ainda alli ter uma unica cruz, embora metida no meio d'um comoro de urzes: entendes agora?

—Entendi sempre homem: mas tu não admittes um gracejo qualquer! Saibas, que eu nunca tenho em vista offender os melindres de ninguem. Ora vamos, que vais tu fazer ao Calvario a estas horas de machado ás costas?

—Que irei eu fazer amigo! Ignoras, que estamos muito chegados á muito nobre e antiga festança da muito Excelsa Rainha dos Anjos dos Patriarchas, dos Profetas, dos Apos-tolos, dos Martyres, dos Confessores,

sorriso os dois amantes davam-se por quites das suas dividas — e sobre esse sorriso um veio sinistro entre as negras azas da morte se via logo.

A doença progredia cada vez mais.

Thomaz Courtois quasi que succumbia ao pezo de tão grande infortunio e mais de uma vez, quando, alta noite nos reuniamos na tolda do vapor, o extremecido amante exclamava com a mais profunda desesperação.

—Ah! para que a conheci eu? Para que a ameí, para que a amo tanto, se tenho de a perder!

E as lagrimas deslisavam-lhe pelas faces. Ha feridas para as quaes nem as consolações da amizade são balsamo.

Uma tarde, corria branda a viração, e o mar liso e espelhante confundia-se com o horisonte e coloria-se com as suas meias tintas de puscilo.

Com grande velocidade o barco, sem a mais pe-

FOLHETIM

Remember-me

Julia partiu... Do alto do navio, depois de acenar docemente com o branco lenço ella depoz na ponta dos dedos de suas lvas de viagem o beijo pathetico dos apartamentos supremos; enviou esse beijo innocente áquelles que deixava talvez para sempre; a machina tossiu, arrancando do intimo da caldeira o seu dó grave e rouco; e, com o penacho de fumo ao vento desapareceu na infinidade do mar azul o barco veleiro seguindo á ilha da Madeira.

La n'esse barco um hollandez, Thomaz Courtois, que em breves dias devia casar com uma prima a quem desde pequeno chamava sua noiva.

Um dia, porém, o joven hollandez sentiu vacillar aquella resolução chegando mesmo a comprehender que no seu coração existia uma corda que não fóra vibrada ainda.

E' que a presença de Julia determinara no seu animo, por um d'esses affectos que se deveria talvez chamar a acção catalytica dos corações, um abalo profundo, uma impressão particular a que elle não pudera resistir menos pelas seducções da opulencia da sua plastica, ou deslumbramentos do ouro, do que pelas suggestões desprezenciosas d'uma sympathica puramente romantica.

Por conselho dos medicos Julia ia buscar allivio n'aquelle clima, recurso supremo ao mal que lentamente lhe minava a existencia, mal a que os inglezes chamam *the consumption*.

Em tão verdes annos — 19 apenas — o terrivel soffrimento, de dia a dia lhe consumia a vida, dando ao rosto gentil da mimosa Miss uma expres-

das Virgens, da Santa Mãe de Deus, da Co-redemptora dos homens, da Virgem Nossa Senhora das Neves, da Illustre e Preclara Padroeira da nossa terra!...

—Então!..
—Então!.. E' um dia de grande festança homem!.. Dia, em que todos, ainda o mais pobresinho faz o seu brodio com muito prazer e alegria.
—E depois?..

—Depois... Ora, que cousa!.. Sou pobre entendes?... E como não tenha lenha para cosinhar a cabra no dia da festa, vou-me, como ia dizendo, d'aqui até ao Calvario, ver se arranjo por lá umas fogueirinhas; porque, presentemente a lenha está tão cara como o pão, e um homem não tem remedio senão arranjar-se: entendes?

—E' boa! Mas lá não ha pinhaes nem comoros de madeira secca?

—E' verdade: mas eu t'o conto. Houve ha annos, um presidente da camara, natural d'aqui, que se esforçou por embellezar o que pôde a terra, que o viu nascer, e como o sitio do Calvario depois que lhe quebraram e roubaram as cruces, ficasse um ermo, elle vendo-o demasiadamente pittoresco, guarneceu-o de eucalyptus, os quaes gostando do solo, em breve se tornaram arvores gigantescas, lindas e formosas; era uma bellezal.. E isto não só tinha por fim ainda o sitio, mas ainda obstar a que os amigos do alheio, se entendessem por terreno que lhes não pertence, e que são do logradouro commum.

—Que boa ideia a d'esse presidente.

—Va's ouvir ainda mais: ha aqui meninos, que parece terem nascido para malfetores, e então em se vendo de poleiro—ai que desgraça!—capricham em destruir, o que outros, tanto se esforçaram por arranjar. E zás, (uma vez certa junta de poleiro), destruidores malditos, machados a arvores gigantescas, e eilas por terra.

—Mas para que tanta maldade e tanta destruição, Santo Deus!..

—Para que?... Capricho de destruir o que outros fizeram. Para que? Para servir adeptos e amigos. Para que?... Para dar azo a que cada um do seu molde, se aposse do terreno do publico e que fica contiguo aos seus predios.

—E' onde pôde chegar a malva-dez!.. E cortaram-os todos?..

—Não. Pois ahi é que está só cortaram aquelles juntos aos predios dos seus satellites.

—E' muito. E que fizeram elles a esses eucalyptus que cortaram?

—Que fizeram? Para maior vergonha e escarneo, deixaram-nos ficar, sem lhes dar applicação alguma.

—Que penal!.. Então d'essa maneira expostos assim ao rigor do tempo devem estar inutilizados, porque me dizem que essa madeira...

—Estás enganado. Com quanto já estejam cortados ha annos, esta junta, se fosse um pouco mais cuidada e olhasse melhor pelos interesses da parochia, pondo-os em hasta publica, ainda podiam arranjar alli alguns cobres. Nem se diga em vista do que os pobres teem soffrido ao rigor do tempo, que a madeira de eucalypto é fraca. Estão ainda rijos e são.

—Então é ahi, ao Calvario, que vais ter caridade com os pobres destruidos, recolhendo os seus restos mortaes á morada das cinzas, livrando-os assim dos insultos, com que a aza do tempo os possa encomodar.

—Tal e qual. Não ves o meu machado com ancias devorantes, desejando sacudir n'elles a ferrugem, que o embota!

—E' verdade. Mas isso é feio homem. Vais commetter um roubo.

—Então é melhor deixar lá estar eternamente aquelles bons paus, sem ninguem ter compaixão d'elles!.. Oh! E que odorifero, não deve ser o fumo d'elles, quando arderem: olha Zé Tropas chego-me mesmo a convencer, que defumado por elles, estou livre de serões, em toda a minha vida.

—De acordo amigo Gonsallo mas sempre te deves lembrar que invades um direito alheio, e portanto sujeitar-te-has ás penas cominadas aos que infringem as leis que mantem a boa ordem da sociedade.

—Adeus. Já não von feito com as tuas cantigas. Estás hoje muito moralista. Eu não hei-de tiritar de frio, quando vier o inverno; nem hei-de pôr no lume as pernas para fazer a caldibana. E com que hei-de coser a cabra no dia da festa principal cá da terra!

—Mas compromettes a Junta homem! Não sabes, que uma corporação, que tem deveres a cumprir e que investida d'um certo direito é administradora dos bens parochiaes, e que por sua vez tem de dar conta dos seus actos á freguezia, que a elegeu confiando d'ella o seu bem estar!

—Anda para ahi moralista que não fazes nada com isso. Olha Tropas, o mundo já se não endireita; e esses senhores, que acceitam o suffragio dos dos povos, que os elege vão lá o mais das vezes, não para bem administrar o bem publico, mas sim vão, on para satisfazer ás suas vaidades, ou para satisfazer a seus interesses, ou para se vingarem

d'aquelles a quem tenham alguma osgasinha, dando assim expansão a paixões torpes e miseraveis; por tanto não se incommodam em os seus direitos serem postergados.

—Assim é quando não haja consciencia, no logar que se occupa.

Pois então não me chames ladrão, porque ainda assim não sou homem de andar aos gravelhos pelos caminhos, nem espinhos pelos pinhaes. Sim amigo eu não quero ainda assim espedaçar tranqueiras, arrombar comaros, destapar portaes, e assimilhar-me assim aos rapapeus aos damnados e outros quejandos. Ai! E que não diria eu ainda dos taes chamados lavradores de meia tegella.

Será para a outra vez. Boi-me portanto sem demora aos encalyptos, e guarda para os outros as tuas moralidades, que ellas agora não me convêm.

Estou sem lenha e a festa está á porta. Mas a proposito d'onde vens tu com a caixa ás costas.

—De Alquerubim. Vens servir os freguezes!

—E' verdade, muito ha que a snr.ª espera, já ha muito estão descalços.

—Fazes bem e vê se assumptos por aqui d'uma vez para sempre porque como sabes, da tua arte não ha aqui ninguem, que proste, e se tiveres julzo. podes arranjar aqui magnificamente a tua vida.

Mas sempre cuidado, nada de descombares para a má lingua, para não attrahires sobre ti a indignação de pessoas serias: entendes!.. Nada de fallares das...

—Eu quando ás vezes digo alguma cousa inconveniente, é quando estou com a turca.

Pois sim, mas isso não é bonito. E que me dizes tu este anno cá da festa das Neves!

—Isso vão ahi moscas por corda homem. Cadavez mais em augmento. Projecta-se este anno uma festa a capricho.

Ha 3 musicas. Ha 2 pyrotechmicos.

—Ha illuminações variadas.

As bellas cavalladas. E demais uma illuminação chic na avenida da Varzea com sua orchestra no centro e ao lado um botequim, que amigo José de Mattos, já anda construindo o chalet. Até o Domingos Saramago e João Serieiro para lá querem n'esses dias modar os seus estabelecimentos. A Florencia toda se aprimora em bordar um penteador a capricho para o Saramago.

E Serieiro para não ficar a traz já encomendou um outro á Joaquina da Cruz.

E' tudo folia. Ha dois faroos, etc., Bem admirabilum.
Mas a Egreja para a festa!... Tudo se arranja homem.
Não anda ella em construção!
Anda anda.
Então!
Adeus; tenho muita pressa, são contos largos; para a outra vez fallaremos.
X.

CORRESPONDENCIAS

PARÁ, 17 DE JULHO DE 1887

(Do nosso correspondente)

Caro redactor.—E' affastado d'essas regiões que lhe escrevo, mas creia que cinco mil e setecentas milhas não me isentam de lhe participar o que se passa n'esta cidade calorica onde a athmosphera sempre carregada me faz andar offegante e escorrendo.

—E' regular o estado sanitario da cidade, não deixando comtudo de nos ameaçar uma carga de variola que mansamente já vae grassando.

—O beri-beri um pouco mais fraco já não causa grandes estragos, sendo quasi raros os casos.

—Estamos atravessando a época mais calorica e se assim continuar não se poderá dizer excessiva.

—As festas de S. Antonio. S. João e S. Pedro passariam desapercibidas se as vespersas de S. João não nos deixasse a recordação d'um violento incendio que destruiu completamente uma serraria a vapor. São grandes os prejuizos, visto que nada escapou á voragem. Calcula-se de quatrocentos a quinhentos contos. A fabrica estava segura em duas companhias.

—Seria uma boa estreia para a companhia de bombeiros que aqui se constituiu ha pouco, se o commandante, officiaes e empregados não se achassem em pagodes na occasião em que deu signal de incendio. O primeiro signal foi dado ás duas horas da madrugada e os soccorros só compareceram duas horas depois.

—Ha dias, um rapaz de cor parda, foi convidado por um sujeito para uma caçada. No matto, quando separados procuravam a que atirar, o infeliz preto teve a desventura de apanhar um tiro, porque o companheiro o confundira por um veado. O paciente acha-se em perigo por causa das... confusões.

—O estado commercial d'esta cidade é pessimo. São poucas as transacções que se fazem e essas mesmas de pouca importancia. Espera-se que haja mais movimento em setembro proximo, época em que do Alto Amazonas descem os fabricantes da borracha.

—Amanhã dezoito, sahe d'este porto, com destino a Lisboa, o lugre Gil, da praça do Porto. Vai em lastro e leva a seu bordo tres passageiros.

Por hoje nada mais. Esta segue no vapor inglez Lanfranc; e como as malas estão para fecharem, eu tambem finaliso aqui.

Alfredo dos Santos.

NOTICIARIO

Estado — Acha-se ha dias em Angeja, tendo vindo de Manáus, o snr. Francisco da Silva Reis, nosso conterraneo e amigo, que por bastante tempo tem permanecido no Brazil.

Chegada — Regressaram a Angeja, vindos do Pará, os snrs. Jeronymo d'Assis e Fernando Augusto dos Santos.

As palestras humoristicas — Chamamos a attention dos nossos conterraneos para o artigo que nos serve de epigraphe, que talvez gostem de se entreter, lendo-o, o qual está escripto n'um estilo ridente e meio saloio.

ção; o mar parecia um lago; Julia subiu á tolda, collocaram-lhe a cadeira, toda cheia de almofadas, n'um logar á pópa, que formava como que um recinto separado do resto da tolda.

—Approxima-m'o-nos todos da sympathica enferma. Nunca a vira tão abatida; uma pallidez cadaverica cobria-lhe as faces emmagracidas, e os olhos mal alumados por uma luz haça como que se envolviam n'um circulo profundo. Eram sinistros aquelles symptomas,—involuntariamente, estremecemos todos.

—Sente-se ao pé de mim, Thomaz, e dê-me a sua mão, disse ella com a voz desfallecida. Quero contemplar ao seu lado esta formosa hora do crepusculo, este despedir de dia, esta transição da luz para as trevas, verdadeira imagem da vida?

Não vê que suaves tintas se de- ham no ceu? Lembra-se das ho- passamos juntos, contem- quadro esplendido? Lem-

bra-se dos nossos sonhos; dos nossos devaneios, dos nossos hymnos ao crepusculo? oh deixe-me dizer-lhe como o meu poeta:

—How have I loved the twilight hour and thee!..

Thomaz estava n'um verdadeiro suplicio; queria reagir contra a dor que o opprimia, e, a custo conseguia conter as lagrimas que lhe marejavam nos olhos.

—Foi n'esta hora saudosa, continuou Julia, que os nossos corações vôaram um para o outro, e que as nossas almas se illuminaram com a chamma do nosso amor.

— Ave Maria! tis she hour of love! —

Do esforço que fizera para proferir aquelles palavras resultou-lhe uma especie de deliquio que assustou a todos fazendo suppor preun- cio fatal da grande catastrophe.

Foram-lhe administrados promp-

tamente alguns soccorros e pouco depois tornou a si.

Que pallidez! Que abandono das forças! Via-se que a luz d'aquelle espirito se ia apagando, pouco a pouco, lentamente... até se extinguir de todo.

—Approxime-se, Thomaz... mais ainda, disse ella com a voz que parecia um murmuro, deixe que o seu peito sirva de encosto derradeiro á minha pobre cabeça... assim. Sinto que me foga a vida, turva-se-me a vista, aniquilla-me o corpo uma prostração geral... aproxima-se a morte!

—Antes, porém, de exhalar o ultimo alento, antes que o meu espirito abandone o corpo, antes que os meus olhos se fechem para sempre quero vel-o, quero dizer-lhe um adeus em presenca de todos que me cercam! Amei-o com todas as forças da minha alma, com todos os affectos d'este coração que não podia viver para a ventura e esse amor foi o alento que animou os ultimos dias

da minha existencia... Sei que o seu affecto foi igual ao meu, diz-m'o essa voz intima que não mente nunca aos pobres moribundos, e morro contente!.. Depois de morta...

Julia aproximando os seus labios dos labios de Thomaz murmurou nas azas d'um terno beijo; que foi o ultimo, as palavras:

Remember-me!

No dia seguinte viera a porcella que se formara durante a noute, e ao lugubre psalmodear do ritual as aguas revoltas do oceano recebiam o cadaver da Miss infeliz que á hora da morte se sentira contente.

Azarias Coudorcet de Boa-Esperança.

SCIENCIAS & LETRAS

AMOR DE MÃE

OS dramas intimos, aquelles que em diferentes idades da vida encham de amargura o coração e de sombras o futuro, succedem nas soberbas cidades como nas humildes aldeias.

A humilde historia que vou narrar, parecida a tantas outras, reflexo exacto da vida real, teve principio no povo de A...., habitado quasi em sua totalidade, por familias de modestos pescadores e situado nas pittorescas costas do nosso formoso atlantico, tendo por horisonte, a immensidade do mar, por tecto, a abobada azul dos ceus e por magestosa harmonia o murmurio cadencioso das vagas.

Anoutecia.

As vagas tintas pelo crepusculo cediam seu imperio ás sombras da noite. O ar saturado pelos effluvios da gentil primavera, povoava a mente de illusões, ao influxo de seus penetrantes perfumes.

Tudo respirava felicidade e sociego na natureza, enquanto que um grupo composto de quatro pessoas, sustinha breve dialogo na solitaria praia.

São: Raphael, joven capitão da escuna *Tentativa*, que galhardamente se balouça a pouca distancia; sua mãe Martha, Esperança, sua prometida e o contra-mestre do navio, tio da joven, que queria a Raphael com carinho verdadeiramente paternal.

O sino da aldeia lançou pausadamente ao vento oito badaladas.

Esperança—disse o marinheiro—tua imagem me acompanha sempre e durante a dolorosa ausencia, meu coração gosará só com a ideia de rapido regresso. Adeus e não me esqueças.

—Nunca, Raphael; foste meu primeiro amor e serás o ultimo.

—Adeus minha mãe—choroso, disse o feliz amante, abraçando Martha.

—Volta breve meu filho,—disse esta com voz alterada;—e dirigindo-se ao velho contra-mestre lhe disse:

—A ti, depois da Virgem, t'o recomendo.

Os marinheiros saltaram para o bote, empunharam os remos e affastaram-se da praia. Passados alguns minutos devido ao reflexo da lua, as duas mulheres os viram abordar á escuna, desprezar estas as suas velas e emprehender uma marcha rapida.

Esperança, com a alma cheia de illusões, acariciando a ideia de regresso do seu apaixonado, adormeceu com o sorriso nos labios; a pobre mãe passou a noite resando, pedindo á Virgem que velasse pelo filho querido, seu unico consolo na terra, desde a morte de seu esposo adorado.

Os mezes, como os acontecimentos da immensa cadeia do tempo succederam uns após outros com sua costumada regularidade, e a imaginação das duas mulheres volteava sempre em torno da *Tentativa*, que de longinquas paragens se apresentava com actividade febril a regressar á patria, carregada de ricos presentes para a mãe e para a amada do venturoso capitão.

A sorte havia-se mostrado propicia a Raphael até ahí; porém, desde o momento em que o joven marinheiro se dispozera a realizar seu formoso sonho de regresso, aquelle mar, sempre tão benigno aos seus desejos, mostrou-se, por inexplicavel fatalidade, disposto a demonstrar ao ousado amante que não é sem grandes sacrificios que se consegue a felicidade humana.

Durante uma noite de funesta recordação, em que fraca e debil a casta Diana não prestara seus tenues resplendores ás ondas sussurrantes, sinistras nuvens se amontoaram no firmamento; grossas gottas, desprendidas do ceu augmentaram o caudal das aguas; o raio scintillou no espaço como enroscada serpente; as vagas, como nunca, ergueram-se altivas, ameaçadoras, e a fragil embarcação, joguete dos elementos embravecidos, luctava penosamente para abrir caminho por entre o fremito medonho da furiosa tempestade.

Presidindo a tão bello e soberbo espectáculo, á luz incerta dos relampagos, podia ver-se de pé, sobre a coberta da *Tentativa*, o amante de Esperança, dando ordens aos marinheiros fatigados. A ideia de perigo não assustava Raphael; e enquanto o fragil baixel desarvorado e maltratado corria sossobrou o pelago iracundo como corsel ferido, seu joven capitão embebido na ideia da proxima felicidade, contemplava com os olhos d'alma o abrigado porto e o refugio que de bem longe lhe offereciam os carinhosos braços de sua mãe e de sua amada.

Correram as primeiras horas da noite em meio de penosos afans. A tempestade, longe de cessar, parecia ir em augmento. Mil vezes o navio se vira coberto por montanhas de espuma, outras tantas ameaçou baixar aos abysmos na sua constante lucta, quando de repente o madeiramento da embarcação gemeu d'um modo sinistro.

—A escuna faz agua, capitão—gritou uma voz angustiosa.

O joven abandonou seu ponto de observação e dirigiu-se para o sitio onde o perigo era mais eminente.

Os marinheiros trabalhavam com ardor; seu desespero lhes dava forças, e, embora a tempestade desencadeasse, toda a sua atterradora grandeza, sós, em meio da immensidade do indomavel oceano, aquelle punhado de homens, praticam esforços incriveis para manterem ao cimo d'agua a sossobante embarcação. Porém esgotam-se esforços, a tempestade não cessa e um —salve-se quem poder—seguido de grito de angustia se sobrepõe ao fragor da borrasca.

A tripulação atirou-se ao mar; o capitão baixa rapidamente a seu camarote, desprende da cabeceira do beliche uma medalha com o retrato de sua querida; põe ao pescoço o precioso thesouro que quer disputar aos elementos e ao intentar subir outra vez á coberta, uma immensa vaga entra pela escotilha, privando-lhe a sahida.

—Esperança, adeus!!—murmurou o marinheiro atordoado por tão grande mar d'agua.

Um momento depois a *Tentativa*, afundava-se para sempre no mar, e as irritadas ondas varriam o menor vestigio da sua passagem sobre o liquido elemento.

Quasi toda a tripulação da escuna, inclusive o contra-mestre, foi recolhida no dia seguinte, por um navio inglez e os pobres naufragos se dirigiram ao povo de A...., para espalharem a nova da catastrophe.

Ao ouvir-a, Esperança, cahiu como ferida pelo raio, e a pobre mãe, sentiu o frio da ponta de um punhal pe-

netrar em sua alma; faltavam lagrimas a seus olhos e por um momento, seu vago olhar se perdeu nos ceus em busca de um consolo que não podia achar na terra.

Negras roupagens de antecipada viuvez cobriram o esculptural corpo de Esperança. Nunca mais a viram trepar á alta roca, d'onde outr'ora Sapho, esperava a chegada de seu querido Phaon. Sua dôr pareceu ser eterna; por isso alguém do povo a designou com o nome de—*promettida do morto*.

—Que é feito da mãe de infeliz marinheiro?! Pobre mulher!! Só no mundo, alquebrada pela idade e pelo infortunio, não é, com estereis lamentos que manifesta sua dôr; porque as grandes dôres, quanto mais silenciosas, mais intensas, quanto mais terriveis, menos aparatosas.

A triste anciã volve seus olhos chorosos á Virgem, e esperando sem murmurar os secretos da Providencia, a ella pede com toda a vehemencia da sua alma que lhe termine os seus dias e a reuna ao filho adorado.

Passou o triste inverno e com elle suas neves, chuvas, tormentas e dias sem sol. Outra vez a primavera deu flôres aos campos perfumes ao espaço e com aquelle sopro de vida que commove a natureza, como a humanidade, chegou ao oceano a attribulada existencia da pobre mãe.

Ao despontar de uma formosa manhã de maio, rica em côres e harmonias a anciã adormeceu para sempre, buscando com seus olhos, no ceu azul, um reflexo do olhar de seu filho.

Martha morreu como uma sancta, sem lagrimas, sem soluços, sem dôr, murmurando apenas.—Meu filho. E esta unica phrase, magica como nenhuma, deixou estampado nos labios da morta um sorriso de ineffavel ventura. No dia seguinte conduziram o cadaver á sua ultima morada, e ao passar o funebre cortejo em frente á igreja, um casamento sahia da casa de Deus.—

—Quem morreu?!—perguntou um curioso.—

A mãe de Raphael; responderam.

N'aquelle momento, a noiva sahia do templo e ao ouvir estas palavras, voltou o rosto para o ataúde e suas faces impallecidas retractaram viva dôr de confusão.

—Minha esposa, murmurou a seu ouvido o feliz noivo.

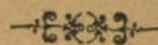
Ella, Esperança, sensível como toda a mulher á voz ternura, sorriu docemente e pouco a pouco a imagem angustiosa do passado se barreu do seu pensamento.

O esquecimento tinha apagado no seu coração a imagem de Raphael e a necessidade de amar a levou a contrahir novos laços, mostrando assim mais uma vez, que, na variada escola dos affectos humanos, só o amor maternal resiste á prova do tempo e das vicitudes. os mais, morrem, ou se olvidam.

O velho contra-mestre, que assistia á festa na qualidade de tio da noiva, sentiu correr uma lagrima pelas fices queimadas ao presenciar esta scena commovente, porém, levou a mão callosa aos olhos e depois de os ter enxutos murmurou:—a promettida do morto converteu-se em esposa de um vivo! Pobre Raphael!! No entanto, os alegres cantares dos amigos dos noivos, faziam côro com a lugubre cantilena dos que acompanhavam a morta, e o olhar cheio de melancolia do velho marinheiro, depois de fixar-se um momento no par feliz que acabava de unir seus destinos aos pés do altar, perdeu-se pelo longiuquo hori-

sonte, onde o amor e o ceu se confundem em linha mysteriosa.

Pará, 17-7-87. Alfredo A. Santos.



AS MINHAS AZAS

Eu tinha umas azas brancas, Azas que um anjo me deu, Que, em me eu cançando da terra, Batia-as, voava ao céu. Eram brancas, brancas, brancas, Como as do anjo que m'as deu, Eu innocente como ellas, Por isso voava ao céu.

Veio a cubiça da terra, Vinha para me tentar; Por seus montes de thesouros Minhas azas não quiz dar. Veio a ambição c'o as grandezas, Vinham para m'as cortar; Davam-me poder e gloria, Por nenhum preço as quiz dar.

Porque as minhas azas brancas, Azas que um anjo me deu, Em me eu cançando da terra, Batia-as, voava ao céu.

Mas uma noite sem lua, Que eu contemplava as estrellas, E, já suspenso da terra, Ia voar para ellas, Deixei descahir os olhos Do céu alto e das estrellas... Vi entre a nevoa da terra, Outra luz mais bella que ellas.

E as minhas azas brancas, Azas que um anjo me deu, Para a terra me pesavam, Já não se orguliam ao céu.

Cegou-me essa luz funesta De enfeitados amores, Fatal amor, negra hora, Foi aquella hora de dôres! Tudo perdi n'essa hora Que provei, nos seus amores, O doce fel do leite, O acre prazer das dôres.

E as minhas azas brancas, Azas que um anjo me deu, Penna a penna me cahiram, Nunca mais voei ao céu.

Almeida Garrett.

RECORDAÇÃO

(a Miguel Pinto de Sousa Imenes)

Era uma linda tarde de primavera, d'essa estação que é o sorriso das campinas, e o perfume da terra.

O ar impregnava-se de suaves aromas que, respirados na viração que corria amena, embriagavam os sentidos.

Os campos revestiam-se d'um manto verdejante, todo esmaltado de boninas.

* * *

Era á hora em que os alegres pastores regressavam dos montes com seus rebanhos de brancas ovelhinhas, que eu costumava ir sentar-me per-

to da fonte onde as jovias aldeãs vinham á agua.

Era este um sitio encantador. Um caramanchão de verdura e flores abrigava a fonte cuja agua corria com um doce murmurar. Os rosaes e laranjaes em flor saturavam o ambiente de perfumes.

N'este local esperava eu com ansiedade Rosa, a mais gentil das camponezas que era sempre a ultima a vir á fonte.

Tinha a pureza da cecem e a modestia da violeta; em seu olhar o brilho das estrellas, e na falla todas as melodias balbuciadas nos canticos dos rouxinoes. Era linda a mais não ser.

Typo de formosura!... Nunca Angelo o sonhou mais bello para os seus modelos...

Depois de ter enchido o cantaro sentou-se a meu lado, e de mãos dadas conversavamos... e sentiamos amor.

Tinha suprema elegancia no dizer e em suas palavras havia uma transparencia immaculada.

Que encantados momentos aquellos! que extasis, que ventura!

Como era bondosa e candida!...

Algum tempo permanecemos n'aquelle doce bem-estar, até que o anoutecer nos veio despertar. Rosa não se podia demorar mais, pois que a noite desdobrava já o seu longo manto, fulgurante de pedraria.

Despedimo-nos... Collei-lhe os labios n'um beijo...

* * *

Se tu, meu querido Imenes, visesses Rosa... e áquella hora de certo que lhe não chamarias *fêra*, como em tua linguagem algumas vezes tão mysteriosa costumás cognominar as camponezas.

Quando me retirei d'esse logar para mim tão encantador, a lua derramava já por sobre a aldeia o clarão côr de perola.

Telhado, 1882.

A. Leão Martins.



A. A. LEÃO MARTINS

Jurei não cair nos laços,
Nos duros laços d'amôr;
Jurei resistir aos olhos,
Aos olhos de mais fulgor;
Jurei não curvar a fronte
Senão aos pés do Senhor.

Vi uns olhos negros, negros,
Tão brilhantes que mais não;
Cada raio que vibravam
Fulminava um coração...
—Pois fitei os olhos negros
Sem sentir o seu clarão!.

Vi outros azues-celestes
N'um rosto loiro a brilhar,
Grandes, serenos, profundos,
Como os abysmos do mar...
—Passei por elles altivo,
Sem tremer, nem vacillar.

Vi tambem olhos castanhos,
Tão travessos, tão subtis,
Que estive — valha a verdade —
Mesmo a cair por um triz!...
—Oh! mas era tão solemne
O juramento que fiz!.

Mas agora vi uns olhos,
Que não sei o que elles tem:
Não são azues, não são pretos,
Nem são castanhos tambem...
—Rendi-me: — quem resistira
Ao seu imperio?... Ninguém!

São côr d'esmeralda os olhos
Que me prenderam assim;
São verdes, — côr d'uma esperanza
Que alvorece para mim...
—E o juramento solemne?...
—Quebreio-o... só por um — sim!

Alberto da Rocha.

RECORDAÇÕES DA ALDEIA

I



Ha perto de tres annos que eu deixei a aldeia de B...

Durante o tempo que lá permaneci, — um anno alegre e descuidado como as andorinhas que cortam com as suas formosas azas o ar diaphano e suave da primavera, e que me pareceu um mez — foram tam doces as impressões que experimentei, nos folguedos, nas danças, nos serões, nas caçadas, e nos amores, que ainda hoje dedico alguns momentos ás recordações d'aquella aldeiasinha, construída sobre a margem esquerda do rio Ave, defendida do lado do mar por altos montes, e espraiando-se para o norte em verdes campinas que nos arrebatam e delicias suavemente, poeticamente, a alma.

Entre todas essas recordações tam amenas como o canto d'um pinto, existe uma, — a primeira que eu recordo e a ultima que abandono — com mais vida que as outras: essa recordação é de Maria.

E como não? Foi ella a primeira rola que escutou os meus primeiros gemidos de amor.

Quantas vezes nas noutes d'agosto ou setembro, eu me sentei junto a ella, embrulhado na minha colcha de chita, varapau ao lado, chapéu carregado sobre o rosto, vendo-a espadellar o linho ou ajudando-a a escamisar o milho!?

E estávamos muito unidos, fallando muito baixinho, de maneira que só nós nos entendessemos nas nossas fallas!.

Uma noute, e linda que ella era com a lua a caminhar por entre as innumeradas estrellas brilhantes, tirei um lenço da algibeira.

A sua mão pequenina arrebatou-m'o logo, escondendo-o rapidamente no seio.

O seio... que lindo!.. tão bem curvado e a arquejar como o mar em calmaria...

Pedi-lhe o lenço. . . Porém ella sabia recusar tão bem... Quando estava já para retirar-me, ella, então, entregou-m'o depois de o ter passado pela bocca, talvez para enxugar o humido dos seus labios rosados como uma romã em agosto... e, quem sabe? talvez para lhe imprimir um beijo.

A felicidade que senti n'aquelle momento não vol-a posso contar. Era tam grande!.

E para quê? Desvendar um segredo que eu sempre desejei occultar!?

Fosse alguem offerecer-me um punhado d'ouro n'aquelle momento

pelo lenço, que receberia a mais formal recusa!

Sim! Recusava e recuso, porque eu ainda o possuo tal qual como quando elle, depois de ter passado da mão pequena ao seu casto seio de se aquecer n'aquelle calôr brando e de ter roçado pelos seus labios acarminados, veio parar ás minhas mãos ansiosas por o apertarem, ao meu seio desejoso de beber o calor que elle havia bebido em outro seio mais alvo e mais formoso, aos meus labios soffregos por mitigarem a sede na humidez que, cheio d'aromas subtis, me estonteava, de outros labios mais correctos que os meus mais vermelhos e mais humidos... de desejos e de castidade.

Este lenço encerra um poema que só eu sei recitar.

Maria era tão linda!.. Tinha uns olhos tão vivos!..

Porto—87.

Fernando Marão.

A

M. E. S. S.

Se a tua imagem um dia se apagasse
D'esta alma que te adora,
E se um momento só, ella oscillasse,
Oh! pallida aurora!!
Tambem a minha vida se extinguiu,
Com ella, a luz serena do meu dia.

Porque te adoro, oh! meigo cherubim;
E a tua doce imagem perfumada
Cheia de suavidade, é para mim
A luz d'uma alvorada.

Resumes para mim, oh! mulher querida
Um mundo de alegrias;
Tu vens entornar na minha vida
Serenas phantasias;

Por isso digo, oh! pomba, que se um dia
Tua imagem se apaga
Da minha phantasia,
Acaba a luz serena do meu dia.

Pará, 17-7-87.

Alfredo A. Santos.

ANNUNCIOS

BAZAR NOVO MUNDO

171, RUA DE SANTO ANTONIO, 175

COMPLETO sortido em optica, em todas as gradações, para vista cansada e miopia, bem como em dioptrias metricas. Tambem se fazem todos os concertos concernentes a optica. Cutelarias finas, em navalhas, canivetes, thesouras, dos primeiros auctores estrangeiros, Rodgers, e outros.

Metaes brancos de fino gosto e optima qualidade, novidade em indispensaveis para damas, um variadissimo sortido de artigos de fantasia para brindes; escovas para todos os misteres, a buns, pentes, objectos para escriptorio, jarras, licoreiras, perfumearia, tintura para o cabelo e barba, castiças, placas, campainhas, carteiras, cigareiras e charuteiras. Flores artificiaes. Fundas. Caixas de musica com corda, orpheons, simphonias, com 6 e 12 peças. Carrinhos de mão para uma e duas creanças. Velocipedes para meninos, tricycles para meninas. Uma infinidade de brinquedos para creança.

Preços convidativos.

Bernardino M. Coelho.

VERNIZES DE HARRISON BOWDEN & C.^a

UNICOS DEPOSITARIOS

Baptista & Barbot, largo de S. Domingos, 78, e rua de Santo Ildefonso, 87.
Silva & Teixeira, praça de D. Pedro, 105.
José Martins Ribeiro, rua do Almada, 230.
Evangelista José da Silva, rua do Bomjardim, 380.

Recommenda-se com especialidade as marcas FLATTING e CRYSTAL, tanto de primeira como de segunda qualidade.



E já bem conhecida a superioridade d'estes vernizes. Vá-se amostra a quem as pedir

PREÇOS

Verniz Flattig, de 1.^a qualidade, galão, 25200 reis; — de 2.^a, 18800 reis.
Verniz Crystal, de 1.^a qualidade, galão, 25200 reis; — de 2.^a, 25000 reis.

Desconto para revender.